A língua portuguesa não perde a identidade,nas suas variantes

Nunca haverá uma língua portuguesa uniforme,e ainda bem que assim é. Há variantes, que só a enriquecem,nos diversos países e continentes em que é utilizada. Para mim,e de certeza que para milhões de leitores, é sempre uma experiência deslumbrante verificar como esta língua,mantendo-se a mesma, se transfigura,como é plástica e flexível e nos revela potencialidades insuspeitadas noutros continentes,de Guimarães Rosa a Clarice Lispector, de Drummond de Andrade a Ruben Fonseca,de Mia Couto a José Craveirinha ou Suleiman Cassamo,de Manuel Rui e Ana Paula Tavares a Germano Almeida, a Luis Cardoso e a todos os outros escritores (e são felizmente muitíssimo numerosos ) que a usam,lhe dão brilho e a expandem,através de novos modos não só de enunciar ou nomear,mas também de olhar e entender o mundo.

Enquanto escritora sinto que é estimulante a consciência de fazer parte de um conjunto muito vasto de produtores de textos,que,de diversos modos,noutros lugares do globo, utilizam a mesma língua do que eu.

Verifica-se aliás que o que se passa com a língua portuguesa no mundo é mais interessante do que o que aconteceu noutros casos.O exemplo mais flagrante é o de Inglaterra,que,sem nunca fazer qualquer Acordo, passou a sua norma linguística aos territórios de língua inglesa (com excepção dos Estados Unidos,que seguiram um caminho próprio) de tal modo que os autores das ex-colónias inglesas, da Índia por exemplo, escrevem no mesmo inglês padronizado de Oxford ou de Cambridge, quer vivam em Inglaterra ou na Índia.A nível da linguagem,não se distinguem dos escritores britânicos.

 No caso português não é assim,e ainda bem,porque a diversidade nos enriquece. Cada país lusófono usa a língua portuguesa a seu modo,e obviamente que Portugal não tem nada com isso,e só pode regozijar-se por acontecer assim.E claro que também nenhum país lusófono nos pode pedir contas do uso que fazemos da língua que se formou aqui,e **também** é nossa,convém não esquecer, embora não tenhamos mais direito a ela do que qualquer dos outros.Tudo o que não respeite estes pressupostos é jogada política embrulhada em conversa.Escrever batista em vez de baptista facilita-nos os negócios ou a vida? Vamos,de vez,pôr de lado essa ideia irracional e olhar a realidade: nos vários continentes a língua portuguesa ri, canta e dança livremente,e jura que nunca, mas nunca, será uniforme.E ainda bem.É um fantástico veículo de expressão,para quem souber usá-la.

Teolinda Gersão

(Artigo publicado no Jornal de Letras em 2010 e no Facebok em 2012)